SEPEX – Seminário de ensino, pesquisa e extensão da Uneal
18 a 20 de agosto de 2026

TRILHA DA RESISTÊNCIA E LIBERDADE: UMA OFICINA DE MATEMÁTICA E SABERES QUILOMBOLAS

Andrey Henrique Moreira[1]; Gabriel Carlos Teixeira[2]; Karen Bezerra de Araújo[3]; Rejane Bernardo da Silva[4]; Márcio Ponciano dos Santos[5]

Resumo: O ensino da Matemática frequentemente se distancia da realidade discente ao priorizar a memorização de algoritmos em detrimento da contextualização social. Assim, esta proposta parte de princípios etnomatemáticos, idealizado por Ubiratan D'Ambbrosio, que legitima o conhecimento matemático quando os educandos identificam suas aplicações nas práticas cotidianas. Portanto,a intervenção pedagógica apresenta a utilização da realidade das comunidades quilombolas como eixo estruturante para a construção de saberes matemáticos. A oficina "Trilha da Resistência e Liberdade" surge como um recurso didático que articula a ocupação territorial, a organização do trabalho agrícola e a transmissão de saberes geracionais à resolução de problemas numéricos e geométricos, visando romper com a abstração descontextualizada ainda predominante nas salas de aula. Nesse sentido, pretende-se promover o desenvolvimento do raciocínio lógico e a habilidade de resolver problemas, sempre considerando o contexto cultural no

[1] Licenciando do curso de Matemática da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) Campus III. E-mail: andrey.moreira.2023@alunos.uneal.edu.br.
[2] Licenciando do curso de Matemática da UNEAL Campus III. E-mail: gabriel.teixeira.2023@alunos.uneal.edu.br.
[3] Licencianda do curso de Matemática da UNEAL Campus III. E-mail: karen.araujo.2023@alunos.uneal.edu.br.
[4] Licencianda do curso de Matemática da UNEAL Campus III. E-mail: rejane.silva.2023@alunos.uneal.edu.br.
[5] Professor orientador, doutor em Educação, docente adjunto do curso de licenciatura em Matemática da UNEAL. E-mail: márcio.santos@uneal.edu.br.

qual os estudantes estão inseridos. Mostrando que a Matemática não é algo distante ou sem sentido; pelo contrário, está presente nas decisões comunitárias, nas dimensões de um terreno e na divisão das colheitas. Além disso, espera-se que o jogo estimule a cooperação, a troca de ideias e o respeito pelos saberes que vêm de fora do ambiente escolar. Afinal, aprender também implica em ouvir, argumentar e reconhecer que existem múltiplas maneiras de adquirir conhecimento. A oficina será estruturada em etapas sequenciais. Inicialmente, realizar-se-á uma roda de conversa com a finalidade de diagnosticar os conhecimentos prévios dos alunos acerca da história e da cultura quilombola. Na sequência, os participantes serão apresentados ao tabuleiro e ao baralho de cartas do jogo, organizado em cinco categorias temáticas: Território, Comunidade, Produção, Saberes e Desafio. Nesta fase, serão explicitadas as regras e a tipologia dos problemas matemáticos presentes no percurso. Em seguida, os estudantes, organizados em grupos colaborativos, percorrerão a trilha e, a cada parada, deverão resolver os desafios propostos, explicitando oralmente as estratégias empregadas. Ao final da partida, cada equipe produzirá uma carta inédita contendo um problema contextualizado, baseado em suas próprias vivências. O encerramento ocorrerá com um seminário interno para exposição das produções e reflexão coletiva sobre a multiplicidade de caminhos para se chegar a uma solução matemática. Acredita-se que o viés lúdico e a autenticidade das situações simuladas no jogo potencializarão o engajamento dos estudantes, favorecendo a participação ativa, a argumentação fundamentada e a formulação colaborativa de hipóteses. Na esfera cognitiva, projeta-se um avanço significativo na autoconfiança dos alunos para lidar com operações fundamentais, frações, sistemas de medidas e noções de geometria espacial. Para além da técnica, almeja-se que os educandos consigam

estabelecer pontes entre os conteúdos trabalhados e suas realidades imediatas (como a agricultura familiar, a arquitetura das moradias e a dinâmica organizacional da comunidade), consolidando a percepção de que os conhecimentos tradicionais constituem saberes cientificamente válidos e matematicamente exploráveis. Conclui-se que a oficina transcende a mera aplicação de um jogo pedagógico, configurando-se como um instrumento de resgate identitário e valorização cultural dentro do espaço escolar. Ao entrelaçar os objetos de conhecimentos da Matemática com a memória e a resistência quilombola, a proposta reafirma a necessidade de uma escola que dialogue com a diversidade e que atribua significados concretos à aprendizagem.

Palavras-chave: Educação Matemática. Etnomatemática. Cultura Quilombola. Jogos Pedagógicos. Resolução de Problemas